

**O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: UMA  
POLÍTICA PÚBLICA A CELEBRAR?**

**IVOR PROLO**

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING (ESPM)  
ivorprolo@unemat.br

**ROSILENE CARLA VIEIRA**

ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING (ESPM)  
vieira\_rosi2@hotmail.com

# O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E AS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS: UMA POLÍTICA PÚBLICA A CELEBRAR?

## 1. Introdução

Desde a década de 1990 que a globalização colabora para imprimir novas dimensões às políticas educacionais com a presença de uma agenda de reformas em âmbito internacional, fundamentada por princípios neoliberais, que objetivam a redução de investimentos públicos no setor de educação superior ao qualificá-la como um serviço (formação tecnicista) e não como um bem público (formação humana e ética) (Akkari, 2011; Chaves e Castro, 2016). Como enfatiza Velho (2011), essa concepção não é diferente no Brasil pelo fato do país ter por base o paradigma científico predominante do século XXI, que vê o desenvolvimento da Sociedade por modelos de produção e pelo progresso da ciência, tecnologia e a inovação. O reflexo deste conceito de ciência, subordinado a parâmetros internacionais, é partilhado nacionalmente (Pereira, 2015).

Nesse cenário, em que o conhecimento adquire “o *status* de objeto e produto de políticas governamentais” (França e Padilla, 2015, p. 62), a estratégia exaltada, de ordem econômica, é a internacionalização, neste caso das Instituições de Ensino Superior (IES) (Vieira, 2014). Em outras palavras, a universidade, em âmbito estratégico, apoia-se no processo de internacionalização como meio de se legitimar e os governos de países centrais, semiperiféricos e periféricos se engajam em ações de concessão de bolsa de estudos por meio de programa de mobilidade acadêmica internacional (MAI) a fim de “aumentar o perfil e capacidade de universidades e estudantes dentro da comunidade científica global. [Entretanto], a motivação [não deixa de ser] explicitamente econômica” (Rivas e Mullet, 2016, p. 19).

Pautando-se no caso brasileiro, o Governo federal investiu na criação, implementação e execução do programa Ciência sem Fronteiras (CsF), período compreendido entre 2011 e 2015 (Brasil, 2011; Menino, 2017). Essa política nutria o propósito de promover inovação, modernização, competitividade e inserção internacional do País (Muller, 2013) pela via da formação técnico-científica de jovens brasileiros, em reputadas universidades internacionais (Archanjo, 2016). Coerente com tal propósito, cria-se condições que permitiram a MAI expressivo contingente de estudantes – das 101.446 bolsas concedidas no período, 78% (78.980) foram destinadas à Graduação Sanduíche, com um aporte de investimento próximo a 10,5 bilhões de Reais (Buarque, 2015; CAPES e CNPq, 2016), valores jamais vistos em tempos anteriores. O Programa torna-se relevante pelo número de estudantes e o montante de investimento envolvido em sua execução e, estrategicamente, por inserir o Brasil no cenário internacional.

Ao realizar o levantamento da literatura sobre o tema foi possível observar a existência de uma lacuna empírica na medida em que se constatou uma quase ausência de artigos acadêmicos que discutam os ganhos efetivos as IES brasileiras. A abordagem dos assuntos recorrentemente aprofundados pela literatura levantada sobre o CsF transitam entre: desenvolvimento e inserção internacional brasileira (Castro; Barros; Ito-AdlerSchwartzman, 2012; Dutra e Azevedo, 2016; Silva, 2012), entraves, implicações e eficiência na implementação do programa (Bido, 2015; Judd, 2014; Pereira, 2013), experiências e efeitos imediatos que o CsF proporcionou aos bolsistas (Chaves, 2015; Milhomem, 2016; Ramos, 2016), acesso a MAI (Aveiro, 2014; Knobel, 2012), desafios e conquistas do capital idiomático (Archanjo, 2016; Borges e Garcia-Filice, 2016), entre outros.

Apesar da relevância do programa CsF, em seu período de vigência, ele tem sido alvo de inúmeras críticas, tanto por parte de representantes da academia, quanto da mídia impressa e

digital. Levando em conta o quadro de referência antes descrito, os autores do texto em tela se comprometeram em realizar uma investigação orientada pela seguinte questão: em que termos é possível explicar as contribuições que o programa CsF representou para o fortalecimento das estratégias de inserção internacional do Brasil, em geral, quais as conquistas a celebrar pelas IES brasileiras? Assim sendo, o artigo tem por objetivo entender a estratégia governamental que sustentou a concepção e implantação do programa CsF e os resultados atingidos, levando em conta particularmente as conquistas das IES brasileiras no período de 2011 a 2015, período que o programa foi criado, implementado e executado até sua desativação.

A investigação assume um caráter qualitativo-interpretativo e combina recursos das pesquisas bibliográfica e documental. Reuni evidências e argumentos fundamentados em uma análise dos conteúdos publicados sobre a temática em periódicos científicos e documentos oriundos de múltiplas fontes de consulta, como agências governamentais e não-governamentais, consulados, embaixadas, universidades brasileiras e internacionais.

A arquitetura do texto envolve cinco seções, a Introdução objetiva familiarizar o leitor com o contexto justificador dos objetivos do artigo, em seguida elabora a descrição dos recursos metodológicos explorados; na sequência investe na caracterização do CsF, sem desconsiderar políticas similares, assinadas por governos de vários países; para finalmente aprofundar a descrição e a interpretação dos dados reunidos de forma a legitimar as considerações finais.

## **2. Descrição dos Recursos Metodológicos Explorados**

A investigação assume um caráter qualitativo-interpretativo (Prasad, 2005; Stake, 2016). Para tanto, combina recursos das pesquisas bibliográfica e documental. O material consultado fundamenta as lentes teóricas e a construção de categorias que colabora com a interpretação dos dados.

No âmbito da pesquisa bibliográfica, exploram-se autores/textos que discutem sobre o programa CsF. Para isso, foi realizada uma pesquisa nas bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *Science Direct* e *Ebsco* e em repositórios de dissertações e teses desenvolvidas nas universidades brasileiras. A busca ocorreu entre outubro de 2016, sendo atualizada em março de 2017. Considerou-se publicações dentro do período de 2011 a 2017. Os termos utilizados nas buscas foram: “Programa Ciência sem Fronteiras” e “*Science without Borders Brazil*”. Entre os resultados, estão dezoito artigos científicos publicados em periódicos (nacionais e internacionais), quatro artigos em anais de congressos e doze dissertações, o que ressalta a relevância deste programa na discussão acadêmica.

Quanto à pesquisa documental, levou-se em consideração os documentos de acesso público, oriundos de múltiplas fontes, tais como: agências governamentais (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Senado federal brasileiro e a *Foreign & Commonwealth Office* - FCO) e não-governamentais (*Organisation for Economic Co-operation and Development* - OECD, *Institute of International Education* - IIE, *Universities UK* e *International Unit*), Consulados, Embaixadas, universidades brasileiras e internacionais que tiveram expressiva participação no programa CsF, relatórios de rankings universitários, assim como notícias divulgadas nos principais veículos de comunicação, no Brasil.

O material reunido foi tratado com base na técnica de análise de conteúdo, considerando a interpretação textual dos artigos, dissertações e demais documentos, tendo o problema de

pesquisa como ancora da análise (Franco, 2007; Moraes, 1999), conforme categorias de análise apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1: Categorias de análise

<b>Categoria de análise</b>	<b>Subcategorias de análise</b>
CsF no âmbito nacional	Identifica-se questões que esse programa trouxe no âmbito do Brasil e das universidades brasileiras. Considera-se: a) expressividade do programa – comparado ao programa tradicional de cooperação internacional; b) capital linguístico; c) universidades brasileiras que mais usufruíram do programa; d) Visibilidade das universidades brasileiras na esfera internacional por meio dos <i>rankings</i> acadêmicos globais. e) assimetria em relação ao acolhimento de estudantes estadunidenses e britânicos no país.
CsF no âmbito internacional	Identifica-se questões que esse programa trouxe no âmbito internacional e para as universidades internacionais. Considera-se os Estados Unidos e Reino Unido, países que mais acolheram estudantes brasileiros do CsF. a) evolução do quadro de estudantes brasileiros nestes países; b) reputação de suas universidades; c) ações por parte do governo destes países com o surgimento do CsF; d) mobilidade ativa e passiva;

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2017)

### 3. Caracterização do Programa Ciências Sem Fronteiras

O CsF foi um programa de governo concebido e adotado pelo governo federal brasileiro que se compromete em criar condições que favorecessem a MAI de estudantes e pesquisadores brasileiros. Assim sendo, visava colaborar para a formação internacional em alto nível na medida em que os estudantes de graduação e pós-graduação *stricto sensu*, favorecidos com uma bolsa de estudos, frequentavam cursos e laboratórios de pesquisa nos centros de excelência situados no exterior. Simultaneamente, apoiava a atração de recém doutores e de pesquisadores seniores internacionais. Todas estas ações convergiam para propósitos mais ambiciosos: contribuir para a ampliação e consolidação de redes internacionais de pesquisa; acelerar o processo de internacionalização das universidades brasileiras e conseqüentemente elevar a visibilidade internacional das referidas instituições, e promover a pesquisa científica e técnica capaz de influir sobre a elevação da competitividade entre as empresas brasileiras (Brasil, 2011).

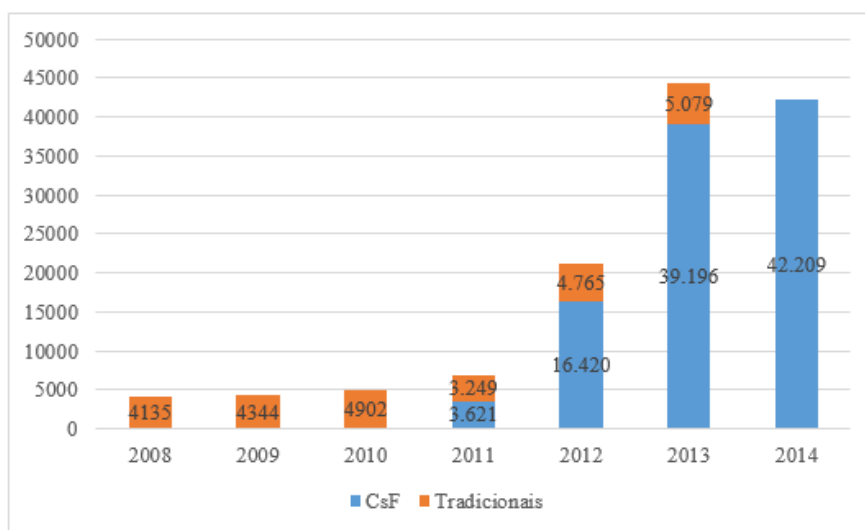
Referindo-se ao CsF, Muller (2013, p. 47) afirma que “a nova estratégia pública de internacionalização busca: inovação, modernização e competitividade” e com isso “alcançar maior valor agregado, menor custo, maior volume e qualidade, em especial na produção industrial, mas também nos serviços, com altos padrões tecnológicos. E para obter estas tecnologias é indispensável ter pessoal competente”.

Presume-se que o programa resulta de uma provocação do governo estadunidense. Em 2011, por ocasião do IV Diálogo de Parceria Global Brasil-EUA e em meio às conseqüências da crise financeira deflagrada em 2008, o presidente Barack Obama chama atenção para a expressiva presença de estudantes chineses, indianos e coreanos nas universidades estadunidenses, comparativamente ao modesto número de estudantes brasileiros. Levando em conta os recursos financeiros que cada estudante internacional pode representar para o país, o governo estadunidense redobrou esforços para atrair grandes estoques de acadêmicos (Bido, 2015; Castro et al., 2012; Judd, 2014).

Nesse contexto, elabora-se o plano “100,000 Strong in the Americas”, tendo o presidente Obama como porta-voz. A importância da internacionalização do ensino estadunidense, será abordado na seção 4.2.1. Retornando, na referida reunião, foram assinados dois acordos de cooperação internacional entre os EUA e o Brasil e, com apenas três meses depois (julho/2011) o programa CsF foi oficialmente lançado. Entre desconfiança e entusiasmo os acadêmicos brasileiros foram informados que o referido programa concederia 101.000 bolsas de estudos (Aveiro, 2014). A ideia inicial era enviar os bolsistas para as universidades estadunidenses, frente à dificuldade de concretizar isso em pouco tempo, houve a decisão de ampliar as parcerias com aproximadamente 30 países (Chaves, 2015).

O lançamento do programa chama atenção acerca de três aspectos: 1. A pressa em viabilizar um programa complexo e oneroso para os cofres públicos; 2. O número de bolsas previstas – considerando todas as modalidades, elas representavam 101.446; 3. Os recursos financeiros envolvidos – levando em conta que o investimento médio por bolsista representava R\$ 103 mil reais e entre 2011 e 2015 foram investidos cerca de 10,5 bilhões de Reais (Buarque, 2015). Não há como negar que se refere a “mais ambiciosa iniciativa para o fomento da mobilidade internacional financiada pelo governo do país ” (Aveiro, 2014, p. 17). A Figura 1 reúne o número de bolsas concedidas para estudo/pesquisa no exterior, discriminando o que coube ao CsF e aos demais programas<sup>1</sup>.

**Figura 1** – Número de Bolsas de Estudo/Pesquisa no Exterior – comparativo entre bolsas tradicionais (cooperação internacional) e bolsas do Programa Ciência sem Fronteiras



Fonte: CAPES and CNPq (2016); Westphal (2014)

Levando em conta um intervalo de cinco anos, chama atenção a assimetria existente entre o número de bolsas autorizado em cada um dos programas, o moderado crescimento do número de bolsas concedido pelos programas tradicionais, o crescimento descontrolado do número de bolsas concedidas pelo CsF, e o fato de em 2014 o programa já apresentar seus limites em termos de crescimento. Os dados revelam que em 2013, o programa concede um número de bolsas quase oito vezes superior que os programas tradicionais. Em grande parte, impacto gerado pelo montante de bolsistas da graduação-sanduíche.

Frente ao contexto descrito é possível afirmar que o diferencial do programa está na expressividade do número de bolsas implementadas na modalidade graduação-sanduíche. Elas corresponderam 79% (73.353) do total de bolsas conferidas entre 2011 a 2015 (CAPES e CNPq, 2016). Contrariamente à política de MAI até então existente, o programa privilegia a graduação em detrimento da pós-graduação *stricto sensu*. A literatura consultada argumenta que

orientando a ênfase do investimento para a graduação, ampliam-se as chances de haver significativo impacto na indústria brasileira, setor em que ocorre o maior índice de absorção destes profissionais (Bido, 2015; Pereira, 2013).

Com as transformações decorrentes de um processo crescente de globalização, a possibilidade de o setor produtivo das nações semiperiféricas competirem mundialmente requer quadros cada vez mais qualificados. Por isso mesmo, da década de 1990 em diante, observa-se expressivo crescimento no estoque de estudantes que buscam estudar em universidades de referência em suas áreas de interesse. Compreensivelmente, esse movimento é na direção dos países centrais, particularmente, Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, França, Alemanha, Austrália e Nova Zelândia. Cabe aos países centrais desenvolverem políticas de Estado capazes de atrair estudantes internacionais e aos países semiperiféricos e periféricos desenvolverem programas nos moldes do CsF, sistematizados na Tabela 2.

**Tabela 2** – Exemplos de Programas de MAI nas Américas

Ano	País	Nome do programa	Órgão governamental responsável	Missão/Meta
2008	Chile	<i>Nuevo Sistema Bicentenario de Becas en el Exterior</i>	Comissão Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica vinculada ao Ministério da Educação	Prevê o envio de 30 mil profissionais e técnicos ao exterior. Uma revolução de conhecimento, ideias e de pessoas que vão aportar tanto em âmbito econômico, quanto social e econômico
2010	Equador	<i>Universidades de Excelencia</i>	Secretaria Nacional de Educação Superior, Ciência e Tecnologia e Inovação	Conceder de bolsas aos equatorianos que desejam realizar cursos de nível superior, técnico ou tecnológico nos centros de educação mais prestigiados do mundo.
2010	Estados Unidos	<i>100,000 Strong Educational Exchange Initiatives</i>	Departamento para Assuntos Educacionais e Culturais dos Estados Unidos	Elevar o número de estudantes estadunidenses na China. O governo chinês apoia a iniciativa com a concessão de 10,000 bolsas ( <i>Bridge Scholarships</i> ) a estudantes estadunidenses.
2011	Brasil	Ciência sem Fronteiras - CsF	Agência Federal CAPES e CNPq vinculadas ao Ministério de Educação e ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações	Promove a formação de superior de alto nível a estudantes brasileiros por meio da concessão de 101.000 bolsas de estudos que os permitam estudar/pesquisar em universidades e centros de excelência no exterior, além de apoiar a vinda de pesquisadores internacionais.
2011	Estados Unidos	<i>100,000 Strong in the Americas</i>	Departamento para Assuntos Educacionais e Culturais dos Estados Unidos	Objetiva aumentar o número de estudantes oriundos dos países da América Latina e Caribe nas universidades estadunidenses. A meta é atingir 100.000 estudantes ( <i>100,000 Strong in the Americas</i> ).
2012	Colômbia, Chile, Peru e México	<i>Plataforma de movilidad estudiantil y académica</i>	Aliança do Pacífico composta pelos governos da Colômbia, Chile, Peru e México	Objetiva formar capital humano avançado mediante a concessão de bolsas de intercâmbio entre os países envolvidos a nível de graduação, licenciatura e doutorado. Este acordo já promoveu mais de 1,200 intercâmbios entre os países desde seu início.
2013	México	<i>Proyecto 100 mil</i>	COMEXUS – comissão entre México e EUA	Objetiva enviar 100 mil estudantes mexicanos aos Estados Unidos e receber 50

Ano	País	Nome do programa	Órgão governamental responsável	Missão/Meta
			para intercâmbio educacional e cultural	mil estudantes estadunidenses até 2018. Visa promover a cooperação em pesquisa e o acesso de grupos demográficos carentes (incluindo mulheres) nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

**Fonte:** Elaborado pelos autores por meio de dados extraídos dos sítios dos programas supracitados, 2017<sup>2</sup>.

Cabe esclarecer que no meio acadêmico emergem inúmeras críticas a esse movimento de internacionalização por meio de acordos que promovam a MAI. Os argumentos mais recorrentes podem ser sinteticamente expressos nos seguintes termos: os programas de MAI promovem o desenvolvimento assimétrico da cooperação internacional estudantil; são fortemente influenciados pelos interesses das organizações internacionais (Akkari, 2011; Lima e Contel, 2011); exploram indicadores para aferir a inserção internacional – *rankings* acadêmicos globais (ARWU, THE e QS) – concebidos a um nível supranacional, com base em um padrão não universal, orientado pela cultura acadêmica prevalecente nos países centrais (Vieira e Lima, 2015); apesar dos limites orçamentários, os programas de MAI priorizam a formação superior em detrimento da qualidade e da expansão do Ensino Fundamental e Médio (Gacel-Ávila, 2012) e, os programas de MAI cumprem uma agenda mais orientada para os interesses dos financiadores, na maioria das vezes dos países centrais (França e Padilla, 2015).

#### 4. Análise dos resultados

##### 4.1. CsF no âmbito nacional

Para a maioria das IES situadas entre os países periféricos e semiperiféricos, a internacionalização permanece um imenso desafio (Lima e Contel, 2011). Com as devidas ressalvas, alguns autores (Aveiro, 2014; Bido, 2015; Silva, 2012; Westphal, 2014) reconheceram que o programa CsF, em seus cinco anos de existência, foi responsável por algumas importantes conquistas a IES brasileiras:

1. Visibilidade internacional do sistema de educação superior brasileiro;
2. Expressivo aumento do número de acordos internacionais firmados entre as universidades brasileiras e internacionais;
3. Lançamento do programa Idioma sem Fronteira (IsF, 2012), com plataformas de aquisição de proficiência de idiomas e capacitação de professores de língua estrangeira gratuitas, concedidas por institutos de ensino internacionais;
4. Aumento do número de estudantes internacionais nas universidades brasileiras, particularmente aqueles que tiveram maior representatividade em número de bolsas concedidas (Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Estadual de Campinas).

Embora não seja o foco desse estudo, cabe frisar que no plano individual, os estudantes aproveitaram a oportunidade de estudar no exterior e em reputadas universidades. Estudantes de baixa renda foram favorecidos com uma bolsa de estudo, sem isso, eles jamais teriam a possibilidade de investir em uma formação internacional. Alguns conquistaram prêmios meritocráticos. Além da experiência formativa valorizar o currículo destes estudantes, a vivência multicultural exerceu impactos positivos na vida deles.

As conquistas para as IES brasileiras contabilizados pelos estudantes de graduação (maioria dos bolsistas) poderiam ter sido mais expressivas se os bolsistas selecionados tivessem o nível de proficiência da língua requerido pelas universidades internacionais que se dispuseram a acolhê-los. Na ausência de uma política de Estado voltada para o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras, grande parte da população brasileira é monoglota e isso freia as possibilidades de desenvolver habilidades globais requeridas por um mundo cada vez mais internacionalizado. Sobre isso, Rivas e Mullet (2016, p. 19) asseguram que o desenvolvimento de habilidades globais é fundamental quando se deseja trabalhar em comunidades científicas globais. A ausência de capital linguístico reduz enormemente as chances de se estabelecer e consolidar relações duradouras com tais comunidades.

O fato de os países que acolheram os maiores contingentes de bolsistas brasileiros falarem predominantemente a língua inglesa e integrarem o grupo formado pelos países centrais, localizados no hemisfério norte, reforça o argumento de que “a internacionalização tem como corolário o aumento do poder da polarização da produção de conhecimento por parte dos países do centro do sistema-mundo” (Rodrigues e Carrieri, 2001, p. 93). Contudo, cabe sublinhar que entre os países que acolheram bolsistas CsF, encontram-se também a China (na 19<sup>o</sup> posição, com 296 bolsistas), hoje o maior exportador do Brasil, bem como o Chile (na 24<sup>a</sup> posição) e o México (na 27<sup>a</sup> posição), países vizinhos que se destacam no processo de internacionalização na região.

Dados extraídos da Figura 2 permitem afirmar que há expressiva concentração de envio de bolsistas para as universidades situadas nos Estados Unidos da América (1<sup>a</sup> posição, com 27.821 bolsistas) e no Reino Unido (2<sup>a</sup> posição, 10.740 bolsistas CsF). Coincidentemente, são as regiões que concentram o maior número de universidades bem colocadas nos *rankings* acadêmicos globais (ARWU, THE e QS). Isso equivale a afirmar que a maioria dos bolsistas do CsF estudou em universidades mundialmente reputadas. A presença destes estudantes nos *campi* universitários, por um ou dois semestres, contribuiu para conferir alguma visibilidade ao Brasil, às universidades e aos acadêmicos brasileiros. Evidencia disso tem sido a presença de algumas universidades brasileiras nos *rankings* acadêmicos globais de 2011 em diante. Dados do *Time Higher Education / World University Rankings* (THE/TR) revelam que em 2010, ano que antecede ao lançamento do programa CsF, nenhuma universidade brasileira foi ranqueada entre as 400 melhores do mundo. No entanto, em 2011, justamente o ano que marca a inauguração do programa, a Universidade de São Paulo (USP) aparece entre as 200 melhores, ocupando a 178<sup>o</sup> posição. Um ano depois (2012), a USP avança 20 posições, sai da 178<sup>a</sup> posição para 158<sup>o</sup>, e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), avança mais do que 20 posições, sai da 276-300 para 251-276 (Tabela 3).

**Tabela 3** - Posição das universidades brasileiras ranqueadas no Time Higher Education/ World University Rankings –THE-TR (2010 a 2017)

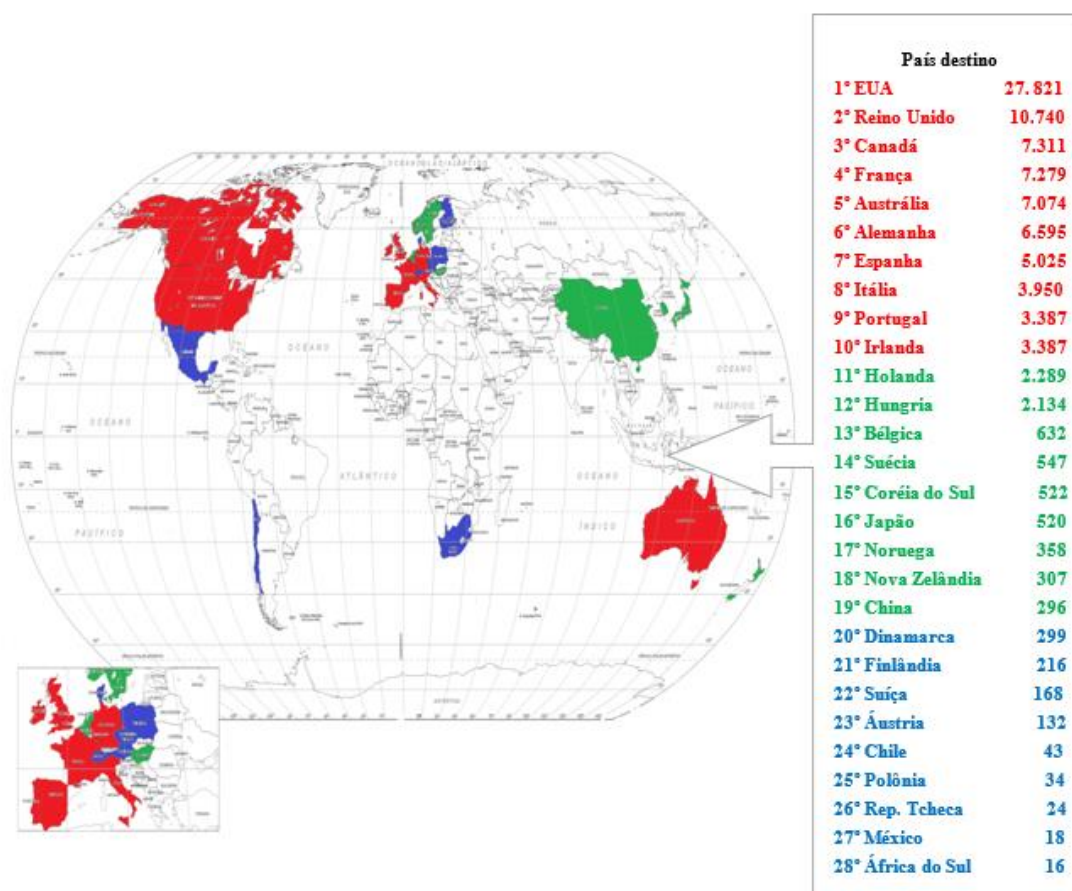
Universidades	Ano						
	2010/ 2011	2011/ 2012	2012/ 2013	2013/ 2014	2014/ 2015	2015/ 2016	2016/ 2017
Universidade de São Paulo (USP)	N/R	178	<b>158</b>	226- 250	201- 225	201- 250	251- 300
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	N/R	276- 300	<b>251- 275</b>	301- 350	301- 350	351- 400	401- 500

Fonte: THE (2016)

Nota: N/R: Não Ranqueada



**Figura 2** - Distribuição dos bolsistas do CsF por país destino - (Período de 2011 a 2015)



Fonte: CAPES and CNPq (2016)

Levando-se em conta os resultados do *ranking QS World University Rankings – Top Universities*, de origem britânica, as universidades brasileiras, as três melhores ranqueadas, melhoraram drasticamente suas posições a partir de 2011. Em 2016, a USP, por exemplo, atinge a 120ª posição. Em cinco anos, período de vigência do programa CsF, a USP avançou 133 posições, a UNICAMP avançou 191 posições, e a UFRJ avançou 60 (Tabela 4) dentre as mais de 700 universidades consideradas no *ranking*. Cabe sublinhar que no ano que marcou o lançamento do programa (2011), em comparação com o ano anterior (2010), a USP e a UNICAMP avançaram significativamente na avaliação deste *Ranking*, chegando a avançar 84 e 57 vezes as respectivas posições.

**Tabela 4** – Posição das universidades brasileiras no QS World University Rankings – TopUniversities

Universidades brasileiras	Posição/Ano						
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
<b>Universidade de São Paulo (USP)</b>	253	169	139	127	132	143	120
<b>Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)</b>	292	235	228	215	206	195	191
<b>Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)</b>	381	382	333	284	271	323	321

Fonte: QS (2016)

Possivelmente, a combinação entre, por um lado, a intensificação do processo de internacionalização da educação superior entre os países da América do Norte, Central e do Sul, ilustrada na Tabela 2 e, por outro lado, a crise financeira deflagrada nos Estados Unidos, seguida de desdobramentos em âmbito mundial, são fatores que contribuíram para um ambiente favorável à criação de *rankings* acadêmicos por região. Parece que “o mundo” precisava de

evidências que reforçassem a relação virtuosa entre a criação de programas de MAI e a elevação da qualidade das universidades. Assim sendo, em 2011, a QS é responsável pela criação e divulgação do primeiro *ranking* das universidades latino-americanas, o *QS Latin American University Rankings*. Desde o seu lançamento, aproximadamente metade das 20 primeiras posições é ocupada pelas universidades brasileiras (Tabela 5). Em 2012, um ano após o lançamento do programa CsF, QS mira os holofotes para o Brasil ao atestar a liderança das universidades brasileiras no *ranking* latino-americano: entre as 250 melhores universidades latino-americanas ranqueadas, 65 eram brasileiras.

**Tabela 5** – Posição das universidades brasileiras entre as 20 melhores no QS Latin American University Rankings – TopUniversities

Universidade	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Universidade de São Paulo (USP)	1	1	1	2	1	1
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)	3	3	3	3	2	2
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	19	8	8	4	5	5
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	10	13	10	10*	11	14
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)	16	17	11	9	8	12
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	14	14	14	10*	N/R20	16
Universidade Federal de São Paulo (UFSP)	N/R20	15	17	15	N/R20	N/R20
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)	15	18	18	13	14	15
Universidade de Brasília (UnB)	11	N/R20	N/R20	17	10	9

Fonte: QS (2016)

Nota: N/R20: Não Ranqueada entre as 20 melhores. / \*: Ranqueadas na mesma posição

A interpretação da literatura e dos documentos consultados permitem ampliar sobremaneira os ganhos advindos do CsF. Eles estão consolidados na Tabela 6.

**Tabela 6** - Ações engendradas pela exposição internacional

Ações	Descrição	Exemplos de Atores internacionais envolvidos
<b>Aumento do número de notícias, artigos, dissertações.</b>	Sobre à internacionalização do ensino superior brasileiro e do programa CsF em português e em inglês.	Por estudiosos brasileiros e internacionais, conforme citada na seção 3.
<b>Palestras em reuniões internacionais renomadas</b>	Sobre o sistema de ensino superior brasileiro <sup>3</sup> promovidas em instituições internacionais.	NAFSA ( <i>Association of International Educator</i> ) nos EUA em torno de 9.000 educadores participantes de mais de 100 países <sup>4</sup> , e o EAIE ( <i>European Association for International Education</i> ) na Europa, em torno de 5200 participantes, oriundos de mais de 80 países <sup>5</sup> .
<b>Fóruns e Workshops</b>	Promovidos com o objetivo de gerar parceria entre universidades brasileiras e internacionais.	1º Fórum de Educação Superior Brasil – Austrália; 1º <i>Workshop</i> Conjunto Brasil-Canadá sobre Ciência e Tecnologia de Oceanos, entre outras ações <sup>6</sup> .
<b>Aumento do número de delegações de universidades internacionais</b>	Participação ao fórum nacional para assuntos internacionais das universidades brasileiras (FAUBAI)	Foram 600 participantes em 2015, foco do período aqui estudado, provenientes de 29 países de todo os continentes: África do Sul, Alemanha Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Hungria, Holanda, Irlanda, Itália, Líbano, Malta, Marrocos, México, Nicarágua,

Ações	Descrição	Exemplos de Atores internacionais envolvidos
		Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Reino Unido, Rússia, Suécia, Tailândia e Uganda <sup>7</sup> .
<b>Criação de plataformas de curso online em idiomas e o lançamento do Idioma sem Fronteiras (ISF, 2012)</b>	O programa CsF trouxe à tona o capital linguístico (Arcanjo, 2016)	Para ampliar a oferta presencial de bolsistas CsF na França, o então presente francês, François Hollande, em visita ao país (13/12/2013) firmou acordo de cooperação com o governo brasileiro para a criação do curso on-line <i>Français sans Frontières</i> . Ademais, comprometeu-se a trazer mais de 20 professores franceses para dar aulas do idioma nas universidades federais, que ainda não têm oferta de aulas em francês <sup>8</sup> . Outros países centrais, a exemplo do Reino Unido, seguiram os mesmos passos.

*Fonte:* Elaborados pelos autores, 2017.

Levando em conta o protagonismo dos EUA e do Reino Unido no nascimento e crescimento do programa CsF, na sequência, dar-se-á atenção aos resultados positivos associados a essas duas regiões.

## 4.2 CsF no âmbito internacional

### 4.2. Ganhos a celebrar: EUA e Reino Unido

Enquanto entre os países periféricos e semiperiféricos, o processo de internacionalização da educação superior transita entre o estágio embrionário e moderado; entre as nações hegemônicas, particularmente os EUA e o Reino Unido, ele se encontra consolidado. Não faltam indícios do que foi afirmado: reúnem as melhores universidades do mundo, atraem os mais expressivos contingentes de estudantes, professores e pesquisadores, e com isso podem selecionar e manter os melhores cérebros; dispõem de recursos para investir em laboratórios de primeira geração; lideram na geração e difusão de C&T e isso favorece a vitalidade do setor produtivo (Vieira e Lima, 2015).

#### 4.2.1. EUA

Dada à grandeza acadêmica de algumas universidades e acadêmicos estadunidenses, é possível observar a atenção conferida aos recursos humanos e a formação de alianças estratégicas. Dados da OECD (2016) revelam que o país acolhe mais de 4.5 milhões de acadêmicos. Em termos imediatos, o que isso gera para a economia do país? De acordo com o Departamento de Comércio Exterior dos EUA (*US Department Of Commerce*), em 2014 a educação internacional foi responsável pela movimentação de mais de US\$ 30 bilhões na economia estadunidense.<sup>9</sup>

Tudo isso explica porque em 2011, os EUA se tornaram o país piloto do programa CsF (Milhomem, 2016) e responsáveis por acolher aproximadamente o triplo de bolsistas brasileiros (27.821), quando se compara ao 2º país colocado, o Reino Unido (10.740). Com isso, os estudantes brasileiros foram e são favorecidos com a possibilidade de participar de pré-testes gratuitos de proficiência de inglês, que tem o propósito de mensurar o nível de proficiência na língua inglesa dos candidatos a bolsistas pela Educational Teaching Service (ETS). Tudo isso contribuiu para o Brasil avançar no *ranking* de países que mais enviam estudantes para as universidades estadunidenses. De acordo com os dados da *Open Doors* (IIE, 2016), de 14º lugar, em 2011, passou para 6º lugar, em 2015 (Tabela 7).

**Tabela 7** - Envio de estudantes brasileiros para as universidades dos EUA (2011 – 2015)

Ano	Total de Estudantes Brasileiros*	Nº de graduandos	% em relação ao total	Posição do Brasil de envio de estudantes aos EUA
2014/2015	23.675	6.865	29%	6º lugar
2013/2014	13.286	5.088	38,3%	10º lugar
2012/2013	10.868	4.684	43,1%	11º lugar
2011/2012	9.029	4.216	46,7%	14º lugar
2010/2011	8.777	4.606	46,3%	14º lugar

**Fonte:** Elaborados pelos autores a partir de dados extraídos do relatório da IIE (2016)

**Nota:** \* Os números envolvem estudantes de graduação, pós-graduação, cursos de treinamento e idiomas.

Em contrapartida, no mesmo período (2011 – 2015), houve discreta presença de estudantes estadunidenses nas universidades brasileiras, em grande parte, proporcionada pelo programa CsF. De acordo com o secretário-assistente de diplomacia pública, do Escritório de Negócios Ocidentais do governo estadunidense, Jefferson Brown, em entrevista ao portal G1 Educação (2014), tem crescido o número de estudantes estadunidense fazendo algum tipo de curso de nível superior no Brasil. Para que sem tenha ideia do tamanho da assimetria entre a capacidade de atração dos dois países (EUA/Brasil), no ano letivo 2011-2012, 4.060 estudantes dos Estados Unidos realizam intercâmbio em alguma universidade brasileira, 16,5% a mais que no ano anterior, 3.485 (Moreno, 2014).

#### 4.2.2. Reino Unido

No Reino Unido há universidades que datam do século XII. Desde a época do Império que a internacionalização da educação superior é encarada como assunto estratégico uma vez que era associada ao interesse de avançar nas conquistas territoriais e preservar o domínio do reino britânico (Walker, 2014). Contemporaneamente, depois dos EUA, o Reino Unido é a região que mais acolhe estudantes internacionais, dados mais recentes apontam para 10% do total de estudantes internacionais em circulação (OECD, 2016, p. 356). O governo britânico reconhece o ensino superior como uma indústria de exportação (Walker, 2014). Consoante a essa visão, de acordo com o relatório sobre a saúde financeira do ensino superior britânico, assinado pelo *Higher Education Funding Council for England* - HEFCE, o setor está estimando um crescimento da receita oriunda de mensalidade de estudantes não europeus de cerca de £3.7 bilhões entre 2015-16 para £4.8 bilhões entre 2018-19. Isso corresponde a 14.9% do total da receita atual (HEFCE, 2016). Compreensivelmente, sinalizou claro interesse em acolher bolsistas do programa CsF, assim sendo, entre 2012 e 2015 foram enviados para o Reino Unido um total de 11.352 bolsistas do CsF. Destes, um pouco mais de 80% eram graduandos (Tabela 8).

**Tabela 8** - Ciência sem Fronteiras no Reino Unido (período de 2012-2015)

Mobilidade de bolsistas do CsF	Número	Observação
<b>Graduandos</b>	9.253	em torno de 81.5% do total geral
<b>PhDs visitantes</b>	754	
<b>PhD integral</b>	583	
<b>Post-Doc</b>	762	
<b>T O T A L</b>	<b>11.352</b>	87 universidades do Reino Unido receberam estudantes bolsistas do programa CsF.

**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de dados extraídos do relatório disponível em Universities-Uk (2015)

No escopo da estratégia de se manter atrativo entre as alternativas buscadas pelos estudantes interessados em investir numa experiência de MAI, o governo britânico classifica o Brasil como um dos internacionais. Por essa razão, em 2015, o Foreign Commonwealth Office - FCO, órgão governamental britânico, incluiu em sua agenda de trabalho a área educacional (*Education and Knowledge*) nas campanhas do *Prosperity Fund*. Na ocasião, o cerne das estratégias adotadas pelo *Prosperity Fund* em relação à pasta da Educação Superior se pautou em situar as universidades do Reino Unido como parceiras em potencial do programa CsF (British-Embassy-Brasilia, 2015). Coerente com o propósito de manter o Reino Unido como um dos principais destinos dos estudantes brasileiros, em abril de 2014, o Ministro das Finanças britânico – George Osborne – declarou que até 2019 o RU investirá £45 milhões em programas de cooperação com o Brasil, proveniente do *Fund Newton* (British-Council, 2014) e no início de 2016 foi firmado um acordo entre Brasil e Reino Unido para agilizar o reconhecimento mútuo de diplomas (MEC, 2016).

Otimistas com os ganhos proporcionados pelo CsF, o governo britânico decidiu financiar a capacitação de professores de inglês, por meio do *Prosperity Fund*. Desta forma promovem uma espécie de aculturação britânica junto ao grupo de formadores de opinião. Mas em outubro/2016, frente à decisão de o governo brasileiro interromper o programa CsF, o governo britânico decidiu promover alterações de foco, assim ensino médio técnico ganha centralidade. Nessa trilha, a Embaixada Britânica e a empresa de educação Pearson firmaram parceria com o Centro Paula Souza - CPS para implementar a capacitação dos professores de língua inglesa das Escolas Técnicas - Etecs e Faculdades de Tecnologia - Fatecs estaduais (CPS, 2016). Essa revisão de foco por parte do governo britânico é explicável na medida em que permite eles trabalharem a base e ampliar as condições que favoreçam a criação de laços que possam influir na escolha pelo Reino Unidos na etapa posterior a formação técnica. Esse tipo de acordo firmado é classificado com *soft service*, “requerer uma proximidade física entre fornecedor e cliente” (Rivas e Mullet, 2016, p. 14).

Diferentemente dos EUA, a MAI ocorre de forma unilateral, uma vez que não constam dados oficiais acerca da presença de estudantes britânicos nas universidades brasileiras. A reduzidíssima participação de estudantes britânicos nos programas de MAI é justificada com distintos argumentos. Enquanto alguns autores apontam para limitações financeiras e baixo capital linguístico dos estudantes (Findlay et al., 2010), outros enfatizam a visão de superioridade das universidades britânicas quando comparadas as congêneres de outros países associada a decisão de não validação de créditos concluídos fora do Reino Unido (Ballatore e Bloss, 2007).

Independente da assimetria exposta nessa seção, conforme diagnóstico de Muller (2013), este programa traz méritos ao Brasil ao contribuir para elevar a competitividade do país por meio da formação acadêmica e profissional a um patamar de excelência internacional. Ressalta que o Brasil possui universidades de referência e excelência em ensino e pesquisa, uma vez que as universidades brasileiras se tornaram autossuficientes a ponto de o estudante brasileiro ser capaz de receber qualificação dentro do país, sem a necessidade de buscar uma formação externa. Porém, esta questão traz efeitos negativos, como a autorreferencialidade, sem oxigenação de novas ideias, e a não busca por um conhecimento universal (Silva, 2012).

## **5. Considerações finais**

Ao longo desse estudo, tendo em mente a questão motivadora: quais são as conquistas do referido programa para as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras a curto prazo? Por meio da análise de categoria no âmbito internacional, evidencia-se que as conquistas do CsF a serem celebradas pelas IES brasileiras a curto prazo estão concentradas na visibilidade

internacional, o que trouxe um ganho em termos de *marketing*. Por exemplo, alcance de posição entre as 200 melhores universidades no mundo nos *rankings* acadêmicos globais. Tal ganho no aumento de exposição internacional representa que um país semiperiférico como o Brasil está atento às estratégias globais e que busca a oxigenação de novas ideias para desenvolver pesquisa científica para potencializar a competitividade, estratégia governamental pretendida por esse programa.

No âmbito nacional, o programa expôs o ensino brasileiro monolíngue, além de resgatar as discussões e políticas para buscar capital linguístico, o que levou ao lançamento do programa Idiomas sem Fronteiras em 2012. Há também a representatividade do ganho conferido ao CsF no que diz respeito a uma mudança de visão das IES brasileiras que priorizaram estratégias de cooperação internacional, além de quebrar o paradigma de internacionalização do sistema de ensino superior brasileiro que antes não garantia o “financiamento público para a mobilidade estudantil para alunos em nível de graduação em grande volume” (Bido, 2015, p. 57). Contudo, essa quebra de paradigma reiterados exaustivamente pelas literaturas consultadas sobre este programa corroboram mais uma vez para asseverar que, a curto prazo, a mobilidade acadêmica internacional brasileira permanece passiva no sentido que movimenta mais a economia externa do que de fato se planeja para beneficiar internamente no curto prazo.

Já a descontinuidade decorrente da decisão de desativar este programa, anunciada pela CAPES em junho/2016 e concretizada em abril de 2017 (CAPES, 2016; Menino, 2017) gera um vazio na medida em que não representa correções de rota, mas a total desativação desse programa. Isso traz consequências sobre o avanço do processo de internacionalização das universidades brasileiras e paralisa a transição para um modo de mobilidade acadêmica ativa, no sentido do aumento da visibilidade internacional e acolhimento de estudantes e pesquisadores forâneos pelas IES brasileiras. Faz necessário a discussão e o planejamento de estratégias vinculadas à agenda política de Estado e não a agenda política de determinado governo.

Por fim, esta pesquisa apresenta limitações em dois aspectos. Primeiro: a quase inexistência de dados consolidados pelas IES brasileiras ou por órgãos governamentais brasileiros considerando o CsF, fato que dificulta a análise, cruzamento e triangulação de dados, e segundo, os resultados duradouros do programa podem aparecer a longo prazo em termos de ganhos ao Brasil e as universidades, sendo necessário está verificação por intermédio de pesquisas futuras longitudinais.

## Referências

- Akkari, Abdeljalil. (2011). *Internacionalização das Políticas Educacionais: transformações e desafios*. Petrópolis: Vozes.
- Archanjo, Renata. (2016). Moving globally to transform locally? Academic mobility and language policy in Brazil. *Lang Policy*, 1-22.
- Aveiro, Thais Mere Marques. (2014). O programa Ciência sem Fronteiras como ferramenta de acesso à mobilidade internacional. # *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, 3(2), 1-21.
- Ballatore, M., & Bloss, T. (2007). Le sens caché de la mobilité des étudiants Erasmus. In F. Dervin & E. Suomela-Salmi (Eds.), *Mobilité académique – perspectives croisées*. Turku: Université de Turku/Département d'Études Françaises.
- Bido, Maria Cláudia Fogaça. (2015). *Ciência com fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo.

- Borges, Rovênia Amorim, & Garcia-Filice, Renísia Cristina. (2016). A língua inglesa no Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização. *Interfaces Brasil/Canadá*, 16(1), 72-101.
- Brasil. (2011). Decreto nº 7.642, de 13 de Dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Retrieved 20 set. 2016, from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm)
- British-Council. (2014). Fund Newton. from [https://www.britishcouncil.org.br/atividades/educacao/newton-fund?\\_sm\\_au\\_=iHV9qnRL0rHHs6Sn&\\_ga=1.113538759.1538528310.1481048566](https://www.britishcouncil.org.br/atividades/educacao/newton-fund?_sm_au_=iHV9qnRL0rHHs6Sn&_ga=1.113538759.1538528310.1481048566)
- British-Embassy-Brasilia. (2015). Prosperity Fund Strategy Brazil Programme FY 2015/16. Retrieved 15 dez. 2016, from [https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/378048/PUBLIC\\_Brazil\\_Prosperty\\_Fund\\_Programme\\_Strategy\\_FY2015-16.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/378048/PUBLIC_Brazil_Prosperty_Fund_Programme_Strategy_FY2015-16.pdf)
- Buarque, Cristovam. (2015). Relatório de avaliação de políticas públicas: Programa Ciência sem Fronteiras. Retrieved 22 set. 2016, from <http://www19.senado.gov.br/sdleg-getter/public/getDocument?docverid=d96d0b6a-8fd9-4526-bbd9-32a9e4d71d48>
- CAPES. (2016). Esclarecimento sobre regulamento de bolsas no exterior. Retrieved 20 mar. 2017, from <http://capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/7962-esclarecimento-sobre-regulamento-de-bolsas-no-exterior>
- CAPES, & CNPq. (2016). Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras - dados atualizados até Janeiro/2016. Retrieved 22 set. 2016, from <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>
- Castro, Claudio de Moura, Barros, Hélio, Ito-Adler, James, & Schwartzman, Simon. (2012). Cem mil bolsistas no exterior. *Interesse nacional*, 5(17), 25-36.
- Chaves, Gérlia Maria Nogueira. (2015). *As bolsas de graduação-sanduiche do programa ciência sem fronteiras: uma análise de suas implicações educacionais*. Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília.
- Chaves, Vera Lúcia Jacob, & Castro, Alda Maria Duarte Araújo de. (2016). Internacionalização da educação superior no Brasil: programas de indução à mobilidade estudantil. *Revista Internacional de Educação Superior*, 2(1), 118-137.
- CPS. (2016). Parceria do CPS com Embaixada Britânica capacitará professores de inglês. 15 mar. 2017, from [http://www.cps.sp.gov.br/noticias/2016/outubro/10a\\_parceria-do-cps-com-embaixada-britanica-capacitara-professores-de-ingles.asp](http://www.cps.sp.gov.br/noticias/2016/outubro/10a_parceria-do-cps-com-embaixada-britanica-capacitara-professores-de-ingles.asp)
- Dutra, Rogéria Campos de Almeida, & Azevedo, Leonardo Francisco de. (2016). Programa “Ciência sem Fronteiras”: geopolítica do conhecimento e o projeto de desenvolvimento brasileiro. *Ciências Sociais Unisinos*, 52(2), 234-243.
- Findlay, Allan M, King, Russell, Geddes, Alist, Smith, F, Stam, A, Dunne, M, . . . Ahrens, J. (2010). Motivations and experiences of UK students studying abroad. *RESEARCH PAPER NO. 8*, 1-74.
- França, Thais, & Padilla, Beatriz. (2015). *Cooperação Sul-Sul, uma via alternativa? Um caso exploratório entre Brasil e Argentina*. Paper presented at the Forum Sociológico. Série II.
- Franco, Maria Laura P. Barbosa. (2007). *Análise de conteúdo* (ed Ed.). Brasilia: Líber Livro.
- Gacel-Ávila, Jocelyne. (2012). Comprehensive internationalisation in Latin America. *Higher Education Policy*, 25(4), 493-510.
- HEFCE. (2016). Financial health of the higher education sector 2015-16 to 2018-19 forecasts. Retrieved 20 mar. 2017, from [http://www.hefce.ac.uk/media/HEFCE,2014/Content/Pubs/2016/201634/HEFCE2016\\_34.pdf](http://www.hefce.ac.uk/media/HEFCE,2014/Content/Pubs/2016/201634/HEFCE2016_34.pdf)
- IIE. (2016). Open Doors. Retrieved 20 out. 2016, from [www.iie.org](http://www.iie.org)

- Judd, Katherine Elizabeth. (2014). *101 mil brasileiros no mundo: as implicações do Programa Ciência Sem Fronteiras para o Estado Desenvolvimentista Brasileiro*. Universidade de Brasília (UNB), Brasília.
- Knobel, M. (2012). Brazil seeks academic boost by sending students abroad. *International Higher Education*, 66, 15-17.
- Lima, Manolita Correia, & Contel, Fabio B. (2011). *Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento*. São Paulo: Alameda.
- MEC. (2016). Acordo inédito entre Brasil e Reino Unido vai agilizar reconhecimento mútuo de diplomas. Retrieved 20 mar. 2017, from <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/35441-acordo-inedito-entre-brasil-e-reino-unido-vai-agilizar-reconhecimento-mutuo-de-diplomas>
- Menino, Frederico. (2017). O fim do Ciência sem Fronteiras. *Carta Capital*.
- Milhomem, Raquel Bezerra Barros. (2016). *Implementação do Programa Ciência Sem Fronteiras no Estado do Tocantins: limites, desafios e potencialidades*. Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas.
- Moraes, Roque. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*.
- Moreno, Ana Carolina (2014). EUA lançam plano para aumentar o nº de americanos estudando no Brasil. Retrieved 15 out. 2016, from <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/09/eua-lancam-plano-para-aumentar-o-n-de-americanos-estudando-no-brasil.html>
- Muller, Christian. (2013). Ensino superior no Brasil: a caminho de Ciência sem Fronteiras? In F. Dane (Ed.), *Relações Brasil-Alemanha* (pp. 43-53). Rio de Janeiro: Cadernos Adenauer XIV, edição especial, Konrad Stiftung.
- OECD. (2016). Education at a Glance 2016 - OECD Indicators. Retrieved 14 abr. 2017, from <http://www.oecd-ilibrary.org/docserver/download/9616041e.pdf?expires=1493066631&id=id&accname=guest&checksum=92A24C0A3565799DEA797114C54B0D7E>
- Pereira, Vania Martins. (2015). Relatos de uma viagem: uma análise feita pelos bolsistas sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, 3(4), 1-21.
- Pereira, Vânia Martins. (2013). *Relatos de uma política: uma análise sobre o Programa Ciência sem Fronteiras*. Universidade de Brasília (UNB), Brasília.
- Prasad, Pushkala. (2005). *Crafting qualitative research: working in the postpositivist traditions*. New York: ME Sharpe.
- QS. (2016). University Rankings – TopUniversities. Retrieved 20 out. 2016, from [www.topuniversities.com](http://www.topuniversities.com)
- Ramos, Aline Gonzaga. (2016). *Programa Ciência sem Fronteiras: desdobramentos e análise das possíveis contribuições à formação acadêmica dos bolsistas*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.
- Rivas, Ronald Martin, & Mullet, Shawn. (2016). Countervailing institutional forces that shape internationalization of science: an analysis of Brazil's Science without Borders program. *RAI Revista de Administração e Inovação*, 13(1), 12-21.
- Rodrigues, Suzana Braga, & Carrieri, Alexandre de Pádua. (2001). A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *RAC*, 5(Edição Especial), 81-102.
- Silva, Stella Maris Wolff da. (2012). *Cooperação acadêmica internacional da Capes na perspectiva do Programa Ciência sem Fronteiras*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.
- Stake, Robert E. (2016). *A arte da investigação com estudos de caso* (4.ed. ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



- THE. (2016). World University Rankings. Retrieved 20 out. 2016, from [www.timeshighereducation.com](http://www.timeshighereducation.com)
- Universities-Uk. (2015). Ciência sem Fronteiras Reino Unido - Impact of the Brazilian Scientific Mobility Programme 2012-2015. Retrieved 20 out. 2016, from <http://www.universitiesuk.ac.uk/policy-and-analysis/reports/Documents/International/swb-brochure-2012-15.pdf>
- Velho, Léa. (2011). Conceitos de ciência e a política científica, tecnológica e de inovação. *Sociologias*, 13(26), 128-153.
- Vieira, R. C. (2014). *Internacionalização da pós-graduação no Brasil: a relação entre os rankings acadêmicos globais e avaliação dos programas de pós-graduação em administração*. (Dissertação), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo.
- Vieira, R. C. & Lima, M. C. (2015). Academic Ranking-From Its Genesis to Its International Expansion. *Higher Education Studies*, 5(1), 63-72.
- Walker, Patricia. (2014). International student policies in UK higher education from colonialism to the coalition: Developments and consequences. *Journal of Studies in International Education*, 18(4), 325-344.
- Westphal, Angela Mara Sugamoto. (2014). *Egresso da primeira chamada do programa "Ciência sem Fronteiras": reflexos no sistema educacional brasileiro (Learning with outcomes)*. Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília.

---

<sup>1</sup> Das bolsas tradicionais, 5% correspondem a graduação-sanduiche, enquanto o CsF, este número chega a 78% das bolsas concedidas (Bido, 2015).

<sup>2</sup> Chile: <http://www.conicyt.cl/becas-conicyt/>; Equador: [www.scidev.net/america-latina/desarrollo-de-capacidades/noticias/ecuador-lanza-su-mayor-plan-de-becas-para-el-extranjero.html](http://www.scidev.net/america-latina/desarrollo-de-capacidades/noticias/ecuador-lanza-su-mayor-plan-de-becas-para-el-extranjero.html); Estados Unidos: [www.state.gov/100k/](http://www.state.gov/100k/); Aliança do Pacífico: <https://alianzapacifico.net/becas/>; Estados Unidos e México: [www.comexus.org.mx/otros\\_programas\\_verano.html](http://www.comexus.org.mx/otros_programas_verano.html)

<sup>3</sup> <http://faubai.org.br/events/>

<sup>4</sup> [www.nafsa.org/Annual\\_Conference/Exhibiting\\_and\\_Sponsoring/About\\_Exhibiting/](http://www.nafsa.org/Annual_Conference/Exhibiting_and_Sponsoring/About_Exhibiting/)

<sup>5</sup> [www.eaie.org/liverpool.html](http://www.eaie.org/liverpool.html)

<sup>6</sup> [www.crub.org.br/blog/2015/06/09/brasil-sedia-o-primeiro-forum-de-educacao-superior-brasil-australia/](http://www.crub.org.br/blog/2015/06/09/brasil-sedia-o-primeiro-forum-de-educacao-superior-brasil-australia/); [www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/bilateral\\_relations\\_bilaterales/STIActionPlan\\_PalnActionCSTI.aspx?lang=por](http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/bilateral_relations_bilaterales/STIActionPlan_PalnActionCSTI.aspx?lang=por)

<sup>7</sup> [www.faubai.org.br/conf/2015/](http://www.faubai.org.br/conf/2015/); [www.faubai.org.br/conf/2016/](http://www.faubai.org.br/conf/2016/)

<sup>8</sup> [www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views//journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_VF2v/214072/4722001](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/views//journal_content/56_INSTANCE_VF2v/214072/4722001)

<sup>9</sup> [www.iie.org/Who-We-Are/News-and-Events/Press-Center/Press-Releases/2015/2015-11-16-Open-Doors-Data#.WBOZSi0rLIU](http://www.iie.org/Who-We-Are/News-and-Events/Press-Center/Press-Releases/2015/2015-11-16-Open-Doors-Data#.WBOZSi0rLIU)